

SABERES DOCENTES PARA UMA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

Dirce Eva Vieira
Roberta Pasqualli
Marizete Bortolanza



CDD 370.71

V648e

Vieira, Dirce Eva

Saberes docentes para uma pedagogia da autonomia na educação profissional tecnológica / Dirce Eva Vieira; orientação de Roberta Pasqualli, coorientação de Marizete Bortolanza – Florianópolis, 2025.

1 v.: il.

Produto educacional apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC, Campus Florianópolis, 2025

Inclui referências.

1. Saberes docentes. 2. Práticas educacionais. 3. Pedagogia da autonomia. 4. Paulo Freire. I. Pasqualli, Roberta. II. Bortolanza, Marizete. III. Título.

Sistema de Bibliotecas Integradas do IFSC
Biblioteca Dr. Hercílio Luz - Campus Florianópolis
Catalogado por: Ana Paula F. Rodrigues - CRB 14/1117
ISBN 978-65-88663-99-8

DESCRIÇÃO TÉCNICA

Título do Produto: Saberes Docentes para uma Pedagogia da Autonomia na Educação Profissional Tecnológica.

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação 'As Exigências do Ensinar no Currículo Integrado da Educação Profissional Tecnológica: o que dizem os estudantes sobre o bom professor e sua prática'.

Programa vinculado: Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT).

Instituição Associada: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) – Campus Florianópolis.

Área de conhecimento: Ensino.

Área de Concentração: Educação Profissional e Tecnológica.

Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Macroprojeto de Pesquisa: Propostas Metodológicas e Recursos Didáticos em Espaços Formais e Não Formais de Ensino na Educação Profissional e Tecnológica.

Público-alvo: Professores da Educação Profissional Tecnológica.

Tipo: Texto de Apoio.

Categoria: Material Textual.

Finalidade: Contribuir para a reflexão e aprimoramento das práticas educativas na EPT, uma vez que, ao incorporar aos saberes docentes os princípios da Pedagogia da Autonomia, os professores podem criar um ambiente de ensino que não só transmite conhecimentos técnicos, mas também promove a autonomia, a criticidade e a humanização das relações escolares.

Elaboração, Projeto Gráfico e Diagramação: Dirce Eva Vieira.

Imagens e Ilustrações: Canva.com - freepik.com.

Disponibilidade: Irrestrita, preservando-se os direitos autorais, bem como a proibição do uso comercial do produto.

Divulgação: Em formato digital.

Abrangência: Nacional.

Idioma: Português.

País: Brasil.

Cidade: Florianópolis.

Ano: 2025.

ISBN 978-65-88663-99-8

SUMÁRIO

4

APRESENTAÇÃO

5

REFLEXÕES SOBRE O LIVRO
PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

10

POR QUE O LIVRO PEDAGOGIA DA
AUTONOMIA É TÃO IMPORTANTE?

12

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DA
AUTONOMIA PARA A FORMAÇÃO
HUMANA INTEGRAL NA EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL TECNOLÓGICA

16

A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NAS
PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES
SOBRE O BOM PROFESSOR

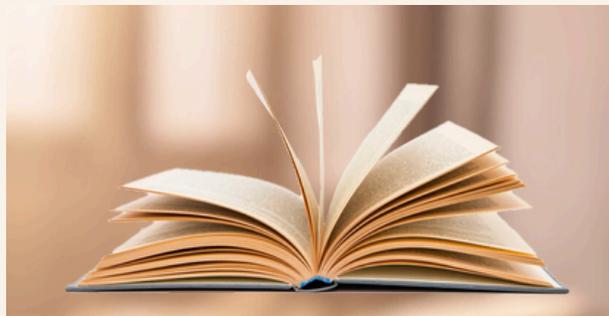
28

REFLEXÕES FINAIS

29

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO



Este Produto Educacional é resultado da pesquisa de mestrado intitulada “As exigências do ensinar no Currículo Integrado da Educação Profissional Tecnológica: o que dizem os estudantes sobre o bom professor e sua prática”, elaborada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), oferecido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Câmpus Florianópolis.

Desenvolvido em formato de texto de apoio, o qual se caracteriza como um material textual, este produto seguiu as diretrizes estabelecidas pela área de ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e foi concebido com o objetivo de aproximar os professores das características descritas pelos estudantes e das relações com as exigências do ensinar do livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire.

Organizado em duas partes, este material visa contribuir com a reflexão sobre os saberes necessários às práticas educativas dos professores que atuam nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Inicialmente, apresentamos a *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, explorando suas reflexões como fundamentais para a construção de práticas educativas transformadoras.

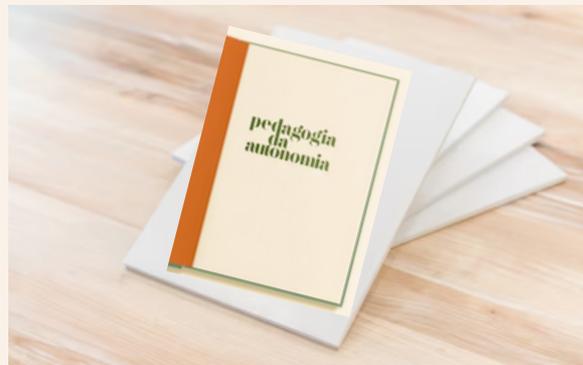
Por fim, dedicamos especial atenção às reflexões dos estudantes do Ensino Médio Integrado sobre o bom professor, relacionando-as com as exigências do ensinar descritas na obra de Freire.

Esperamos que este recurso se torne uma ferramenta valiosa para os professores da Educação Profissional Tecnológica no sentido de contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Nosso objetivo é estimular a reflexão e discussão sobre os saberes docentes necessários para uma educação que promova mudanças na sociedade, pois é por meio dela que as pessoas podem se tornar agentes de transformação, capazes de questionar, de pensar criticamente e de agir de forma consciente e responsável em busca de um mundo mais justo, igualitário e humano.

“Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem águias e não apenas galinhas. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda” (Freire, 2000, p. 67).

REFLEXÕES SOBRE O LIVRO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA



Esse é um dos livros em que, para o autor, a concepção de educação aparece de forma mais clara e madura. Para Freire, o processo educacional deve ser baseado em uma interação ativa entre professor e estudante, onde o diálogo político-pedagógico é essencial na construção do conhecimento, permitindo uma abordagem mais crítica e transformadora da realidade.

Para Freire, cada estudante possui um conhecimento anterior à escola, que pode e deve ser levado em consideração em sala de aula. Assim, ao mesmo tempo que se ensina, se aprende. Os estudantes promovem uma troca muito rica de conhecimentos e experiências vindas de culturas e modos de viver diferentes.

A obra é dividida em três capítulos, os quais convidam à refletir sobre a prática docente em sala de aula: Esses três capítulos são subdivididos em 27 exigências indispensáveis para todos os profissionais envolvidos na prática educativa, independentemente da orientação política do educador, seja ele crítico ou conservador. Cada exigência é introduzida pelo autor com o imperativo 'ensinar exige'.

Para a compreensão do produto educacional proposto, é imprescindível a construção de reflexões sobre o livro Pedagogia da Autonomia, escrito e publicado pelo educador e filósofo pernambucano Paulo Freire, em 1996, ano anterior ao seu falecimento. É uma obra formada por poucas páginas, mas extremamente rica em conteúdo.

Ela se caracteriza pela riqueza de ensinamentos e pelo patamar de importância que o autor deposita na missão de ser um bom professor.

Neste livro, o conceito de autonomia ganha centralidade como princípio pedagógico, sendo fundamental para a construção de uma sociedade democrática. Para Freire, a autonomia não se dá de forma natural, mas como uma construção social, fruto do amadurecimento da liberdade, já que a postura docente exige o reconhecimento e respeito desta condição aos estudantes.

A obra indica saberes necessários à prática educativa, descrevendo como os professores devem ensinar os estudantes, criando uma ação transformadora. Para isso, explica sobre a relação entre professores e estudantes, a necessidade de uma formação humana e científica e a possibilidade de mudanças.



Capítulo I Não há docência sem discência

É o capítulo em que o autor debruça seu olhar ao estudante e mostra como é importante que ele seja reconhecido pelos educadores. Aborda a necessidade do diálogo e da troca de conhecimentos entre professor e estudante.

Ensinar Exige:

- Rigorosidade metodológica – o autor traz que o educador democrático deve reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. A tarefa do professor não é apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias o pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas.
- Pesquisa – argumenta que faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. Não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino.
- Respeito aos saberes do educando – expõe que o professor deve respeitar os saberes que os alunos trazem para a escola e discutir com eles a razão de se ter alguns desses saberes com relação ao ensino dos conteúdos, discutir com os alunos a realidade concreta associando com as disciplinas.
- Criticidade – seria uma curiosidade crítica, uma relação entre o saber resultante de experiências e o advindo de procedimentos metodológicos.
- Estética e Ética - argumenta que a prática escolar tem de ser, em si, um testemunho de decência e de pureza.
- A corporeificação da palavra pelo exemplo – discute o professor que ensina certo não aceita o ‘faça o que eu mando e não o que eu faço’. Ele sabe que as palavras às quais falta corporeidade do exemplo quase nada valem.
- Risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação – traz que é próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado.
- Reflexão crítica sobre a prática – dispõe que a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Por meio da reflexão crítica sobre a prática de hoje ou de ontem é que se pode melhorar a próxima prática.
- O reconhecimento e a assunção da identidade cultural – aponta que uma das tarefas mais importantes da prática educativa crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ensaiem a experiência de assumir-se como ser social e histórico.

Capítulo II Ensinar não é Transferir Conhecimento

Momento em que Freire explica o conceito de 'educação bancária' e desconstrói a ideia que o professor deposita seu conhecimento no estudante, que apenas o recebe passivamente. Enfatiza a importância de despertar o interesse e a curiosidade dos estudantes para que se tornem sujeitos ativos na construção do conhecimento.

Ensinar Exige:

- Consciência do inacabamento – onde há vida, há inacabamento o autor traz que as coisas podem até piorar mais ele sabe que se intervirmos podemos melhorá-la. Temos que acreditar nessa possibilidade de mudança.
- Reconhecimento de ser condicionado argumenta que a curiosidade já é um conhecimento, um movimento de busca, fundamentando, assim, a educação como um movimento permanente.
- Respeito à autonomia do educando – o autor discute que qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, não devemos reprimir os alunos, temos que deixar que se expressem se conheçam. Devemos respeitar à autonomia e à identidade do educando que vai exigir uma prática coerente.
- Bom-senso – segundo o autor o bom-senso tem um papel importante na tomada de posição no que diz respeito ao que devemos ou não fazer, e a ele não pode faltar a ética.
- Humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores – argumenta que a luta dos professores em defesa dos seus direitos e da sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética.
- Apreensão da realidade – discute que a capacidade e aprender não apenas para nos adaptarmos, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. Fala da nossa educabilidade a um nível distinto do nível de adestramento dos outros animais.
- Alegria e esperança – o autor traz que há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança que o professor e aluno juntos possam aprender, ensinar e, juntos, igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.
- Convicção que a mudança é possível – o autor aborda que ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Temos que “enxergar” que mudar é difícil, mas é possível.
- Curiosidade – o autor traz que devemos saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca não aprendo e nem ensino.

Capítulo III

Ensinar é uma Especificidade Humana

No último capítulo, Paulo Freire defende a afetividade e a liberdade na educação. Assim, demonstra que disciplina pode não ser o silêncio, mas o alvoroço que demonstra a empolgação em aprender. Ressalta a dimensão ética e social da prática docente, destacando a importância de educar para a autonomia, a consciência crítica e a transformação social.

Ensinar Exige:

- Segurança, competência profissional e generosidade – traz que a impossibilidade desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos, de separar prática da teoria, autoridade de liberdade, ignorância do saber, respeito ao professor, respeito aos alunos, ensinar e aprender é uma via de mão de dupla.
- Comprometimento – argumenta que devemos revelar aos alunos a capacidade de analisar, comparar, avaliar; de fazer justiça, de não falhar à verdade.
- Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo – discute que o professor deve ser a favor da decência, liberdade, democracia, luta contra qualquer forma de discriminação, a favor da esperança, não podemos reduzir a prática docente ao puro ensino dos conteúdos.
- Liberdade e autoridade – A autonomia se constitui na experiência de inúmeras decisões que vão sendo tomadas.
- Tomada consciente de decisões – A educação não vira política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política e sua raiz se acha na própria educabilidade do ser humano, que se funde na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente.
- Saber escutar – O autor traz que quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que em certas condições precise de falar a ele. Escutar significa disponibilizar a fala do outro ao gesto do outro, as suas diferenças.
- Reconhecer que a educação é ideológica – aponta que ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para opalizar a realidade, ao mesmo tempo que nos torna ‘míopes’.
- Disponibilidade para o diálogo – o autor aponta que seria a discussão de um tema, análise de fatos, o professor pode expor a sua posição e seus argumentos.
- Querer bem aos educandos – traz que querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Essa abertura significa que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Seriedade docente e afetividade não são incompatíveis.

Segundo Freire (1996) o professor é um intermediador entre o estudante e o conhecimento. Isso implica valorizar o diálogo como meio da interação, promover a pesquisa como ferramenta de aprendizado, respeitar os saberes prévios dos estudantes e contribuir para a formação de cidadãos autônomos e críticos.

O propósito central da educação deve ser a transformação da realidade social opressiva. Nesse contexto, o conhecimento é visto como uma ferramenta essencial para compreender o mundo, um meio necessário para o processo de humanização e não um fim em si.

Tanto os professores como os estudantes exploram a realidade, não como espectadores passivos, mas como agentes de transformação.

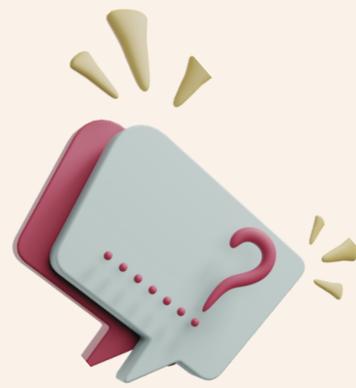
Para o autor, os estudantes não devem ser vistos como meros receptores passivos de conhecimentos ou conceitos abstratos transferidos pelo professor.

Pelo contrário, são vistos como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, cuja autonomia deve ser estimulada e valorizada, considerando o sujeito estudante/professor em constante processo de aprendizagem.



Fonte: Instituto Paulo Freire

POR QUE O LIVRO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA É TÃO IMPORTANTE?



A obra utiliza-se de uma linguagem poética e política para fazer um chamamento crítico aos professores sobre o ato de ensinar, destacando questões essenciais para a sua formação, entendendo-os como sujeitos que aprendem a ensinar nas relações que estabelecem com os estudantes.

Os professores são entendidos como sujeitos que aprendem a ensinar por meio dessas relações. Ao se assumirem como educadores e aprendizes, refletem criticamente sobre suas práticas pedagógicas e recriam novos caminhos de forma humilde, curiosa e metodicamente rigorosa.

Nesse sentido, a práxis freiriana coloca a necessidade de processos educativos que caminhem para a humanização, por meio de um processo de ensinar e aprender com os estudantes, alimentado pela pesquisa e pela problematização.

A obra oferece uma visão profundamente humanizada do processo educativo, integrando professor, aluno e sociedade. Para o autor, a alegria e a esperança durante essa jornada são fundamentais, pois, juntos, professor e aluno reconhecem que são inacabados e buscam a construção de um futuro melhor.

O livro, redefine o papel do professor, deslocando-o do centro do conhecimento e apresentando o processo de aprendizagem como uma construção colaborativa.

O autor destaca a importância do desenvolvimento contínuo dos professores, valorizando características essenciais para a prática em sala de aula, como curiosidade, alegria, criticidade, respeito e liberdade.



A abordagem baseada em experiências e percepções permite compreender com mais clareza as intenções de Paulo Freire em sua obra. Por isso, sua presença é constante na maioria dos cursos de formação de professores.

Conhecer a Pedagogia da Autonomia é importante, pois ela promove reflexões essenciais para a educação. Freire destaca a necessidade de que educadores e a sociedade como um todo reflitam continuamente sobre seu trabalho, garantindo que a teoria não se torne apenas um discurso vazio e que a prática não seja alienada.

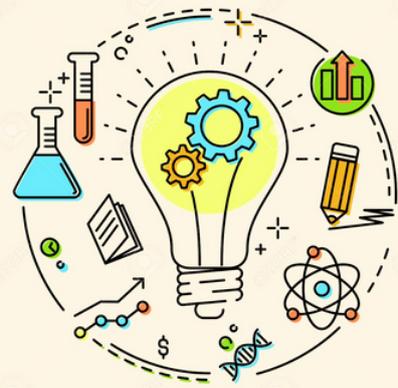
Paulo Freire nos mostra que:

- A **formação ética** dos estudantes deve ser valorizada;
- O **pensamento crítico** deve fazer parte da educação;
- As técnicas de ensino precisam levar em consideração o **contexto social**;
- O professor deve ser um **norteador do processo socioeducativo**;
- A **teoria deve ser alinhada à prática** por meio de atividades empíricas e
- As **emoções e sentimentos individuais dos estudantes** devem ser levados em consideração.

Além disso, a obra destaca a importância de se querer bem aos estudantes, afirmando que a experiência pedagógica deve incluir “o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido”(Freire, 1996, p. 53). Para o autor a afetividade é essencial na relação com os estudantes, porém ele ressalta que esse sentimento não deve comprometer o dever ético e a autoridade do professor e que a prática docente deve ser alegre e respeitosa, mas também séria e rigorosa.



Contribuições da Pedagogia da Autonomia para a Formação Humana Integral na Educação Profissional Tecnológica



A trajetória da Educação Profissional no Brasil (EPT) revela-se como um campo de constante disputa e luta entre projetos antagônicos de sociedade. Ao longo de sua história, a Educação Profissional tem sido marcada por duas visões distintas e conflitantes: de um lado, a defesa de uma educação que desenvolva o ser humano em suas várias dimensões, formando sujeitos engajados com as mudanças sociais necessárias; de outro, a defesa de uma formação meramente técnica e burocrática, destinada a suprir o mercado de trabalho com a mão de obra necessária para o enriquecimento daqueles que detêm os meios de produção.

Assim, por estar relacionada ao trabalho e ao ensino básico, ela tem sido marcada por um dualismo histórico. Em alguns momentos, é entendida como uma extensão do ensino propedêutico, com o trabalho como eixo central na formação do ser humano enquanto ser social. Em outros, é vista como uma simples capacitação externa aos interesses do sistema produtivo.

A EPT deve focar no desenvolvimento global do indivíduo, indo além da transmissão de conhecimentos, habilidades e competências para o mercado de trabalho. É fundamental ensinar o estudante a viver neste mundo complexo, exigindo uma formação multidimensional do ser humano.

Essa modalidade de ensino deve ser inovadora não apenas como uma ferramenta mercadológica, mas como um meio para que o estudante alcance sua plena realização. O trabalho deve ser entendido como um princípio educativo, com uma perspectiva emancipatória que busca superar as dificuldades impostas pelo capitalismo.

Nesse contexto, alguns conceitos devem orientar as ações docentes na EPT, principalmente como pilares para o processo de ensino-aprendizagem específico para a classe trabalhadora e socialmente menos favorecida. Assim, a politecnia, a educação omnilateral, a formação integral, o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico se apresentam como horizontes para a EPT.

Princípios Básicos da Formação Humana Integral



Educação Integral - é uma educação voltada a uma formação emancipadora do indivíduo em sua plenitude onde a educação geral torne-se parte inseparável da Educação Profissional em todos os campos onde se dá a preparação para o trabalho. que reforçaram a concepção do ensino profissional sob viés da formação ampla e humana, fundamental para a configuração de uma sociedade mais justa e igualitária (Guará, 2006).



Educação Omnilateral - abrange a educação e a emancipação humana em todos os sentidos da vida em sociedade, agregando “todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico ”(Frigotto, 2015, p. 265).



Politecnia - fundamentada no pressuposto da omnilateralidade busca proporcionar uma educação que englobe aspectos práticos, teóricos e políticos. O objetivo é formar indivíduos de maneira completa, abrangendo todas as dimensões da vida em seu processo formativo (Souza Júnior, 2009).



Trabalho como Princípio Educativo - se dá pela articulação entre ciência, tecnologia e cultura, de modo que o conhecimento se consolide de forma interdisciplinar, coletiva e significativa, a fim de superar a dicotomia trabalho manual/trabalho intelectual (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2014).



Pesquisa como Princípio Pedagógico - uma ferramenta essencial para a produção de conhecimento. Ela desperta a curiosidade e inquietação nos estudantes, proporciona uma visão ampla do mundo, das informações e dos saberes (Brasil, 2012).

Na EPT, esses conceitos consideram o indivíduo de forma multidimensional. Objetiva-se, assim, a formação humana de maneira abrangente, com a conexão das suas diversas dimensões, como as cognitivas, afetivas, éticas, sociais, lúdicas, estéticas, físicas, biológicas, entre outras, a fim de promover a transformação da sociedade e o desenvolvimento pleno do indivíduo (Guará, 2006).



Princípios Norteadores da Educação Profissional Tecnológica

Dentro da perspectiva politécnica da educação a EPT apresenta uma perspectiva de integração curricular, visando à formação humana integral e tendo como princípios norteadores: o trabalho, ciência, cultura e tecnologia (Ciavatta; Ramos, 2012).

- ✔ O Trabalho - tanto no sentido ontológico, como transformação da natureza inerente ao ser humano, quanto como princípio educativo, proporciona uma formação integral que permite o acesso aos conhecimentos científicos e fomenta a reflexão crítica, são elementos fundamentais para o desenvolvimento humano.
- ✔ A Tecnologia - vista como uma extensão das capacidades humanas que transforma a ciência em força produtiva.
- ✔ A Ciência - entendida como um conjunto de conhecimentos sistematizados produzidos socialmente ao longo da história.
- ✔ A Cultura - resultante do esforço coletivo para conservar a vida humana e consolidar uma organização produtiva.

Outro aspecto relevante a ser considerado é que os professores que atuam na EPT precisam olhar suas práticas pedagógicas como instrumentos essenciais para a promoção da aprendizagem. Suas abordagens devem ser concebidas não apenas como veículos de transmissão de conhecimentos, mas como ferramentas capazes de construir um currículo que integra os pilares do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia proporcionando assim, uma formação integral para os estudantes, conforme delineado por Ramos (2010).





Desta forma, a educação se torna não apenas um meio de transmissão de saberes, mas um caminho para a emancipação e a formação de indivíduos capazes de contribuir para uma sociedade mais justa.

É essencial refletirmos sobre a necessidade de incorporar os ensinamentos da Pedagogia da Autonomia, na EPT. Essa pedagogia pode transformar a educação em um verdadeiro instrumento de mudança social, incentivando os estudantes a serem protagonistas de suas próprias histórias e agentes de transformação social.

Incorporar a Pedagogia da Autonomia na EPT implica fomentar um ambiente educativo que valorize a autonomia, o pensamento crítico e a capacidade dos estudantes de se reconhecerem como seres inacabados, sempre em processo de aprendizagem e construção de conhecimento.

A Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire oferece contribuições significativas para o processo de formação humana integral. Em uma fase de intenso desenvolvimento e construção de identidade, especialmente para muitos jovens, a prática docente baseada nos ensinamentos de Freire se torna extremamente importante.

O objetivo é cultivar uma educação que capacite os indivíduos a se tornarem sujeitos emancipados, criativos e críticos. Isso não apenas os capacita a compreender sua realidade, mas, o que é ainda mais significativo, os capacita, a moldá-la e transformá-la.



A PEDAGOGIA DA AUTONOMIA NAS PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE O BOM PROFESSOR

Nesta sessão, serão compartilhadas reflexões sobre as respostas dos estudantes sobre o bom/boa professor/a e sua prática.

Embora Paulo Freire, em seus estudos, não tenha traçado um perfil específico do que seria um bom professor, a pesquisa de mestrado que originou este texto de apoio buscou analisar se as exigências do ensinar, conforme apresentadas em seu livro 'Pedagogia da Autonomia', ressoavam nas percepções dos estudantes ao descreverem as características e as práticas de um bom professor.

Para alcançar esse objetivo, foram convidados 85 estudantes da sexta fase dos cursos técnicos integrados em Edificações, Eletrônica, Eletrotécnica, Química e Saneamento do IFSC, Câmpus Florianópolis, para participarem da pesquisa.

Os estudantes foram incentivados a escolher, de forma hipotética, um professor ou professora de seu curso, seja da área técnica ou da educação básica, que considerassem um 'bom professor/a', referindo-se a ele/a como Professor(a) X.



Buscou-se estimular os estudantes a questionar, analisar e avaliar as práticas docentes na Educação Profissional Tecnológica, aproximando os professores das percepções e características descritas pelos próprios estudantes.

Ademais, é importante considerar que a obra Pedagogia da Autonomia como vimos na seção anterior enfatiza a importância do diálogo, do respeito mútuo e da valorização do conhecimento prévio dos estudantes.

Ao incentivar os estudantes a participarem ativamente do processo educativo, o estudo contribuiu para a formação de indivíduos mais conscientes, críticos e comprometidos com a transformação social.



Características do Bom Professor Segundo os Estudantes

Os estudantes demonstraram entusiasmo ao definir o bom professor e o consideram como aquele que se destaca pela forma como ensina. Reforçam, também, a importância de aspectos humanísticos e críticos na educação. Essas definições giram em torno de atitudes de respeito, de domínio do conteúdo da matéria que leciona e do conhecimento amplo.

Pode-se perceber, entre as principais definições apresentadas pelos estudantes, algumas relacionadas com conhecimento, didática e relacionamento com os estudantes, como: despertar o interesse, diálogo, autonomia, incentivar o pensamento crítico, provocar questionamentos, instigar o aprendizado, que é amigo, compreensível e que gosta de ensinar.

Estas palavras refletem a importância da segurança e competência profissional no domínio do conteúdo e da generosidade, imersos de valores humanos e éticos, que Freire (1996) defende como essenciais para o ato de ensinar. Dominar o conteúdo não significa ser dono do saber, mas, sim, ter a segurança, responsabilidade ética e dimensão daquilo que soa a partir das palavras ditas. Além disso, segurança é não temer dúvidas. É estimular perguntas e mediar conflitos, promover o relacionamento para a convivência pacífica em sociedade, principalmente com as diferenças, sejam elas de qualquer natureza.

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Explica muito Bem	Boa oratória
Sabe se comunicar	Boa didática
Boa metodologia	Que tem domínio
Compreensivo	Atencioso
Dedicado	Paciente
Calmo	Descontraído
Dinâmico	Carismático
Interativo	Acolhedor
Presta ajuda	Respeitoso
Linear	Gosta de ensinar
Transmite alegria	Conselheiro
Incentivador	Rígido



Freire (1996, p. 28) mostra a relevância do papel docente, enfatizando que “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”. Não se transmite assim, apenas o ensino do conteúdo, mas incentiva-se no educando o aguçar do pensar certo como um movimento de conscientização e transformação.

Identificou-se o respeito aos saberes dos educandos, quando os estudantes reconhecem qualidades como respeito e acolhimento. Indicam um professor que valoriza e respeita a individualidade e o conhecimento prévio dos estudantes. Freire (1996) alerta que, se o estudante não pode ser curioso, ele não consegue aprender.

Além disso, há o querer bem aos educandos, “ser amigo, carinhoso e ouvinte” demonstra um desejo genuíno pelo bem-estar dos estudantes, um valor essencial para Freire. Ele reforça que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (Freire, 1996, p. 141). Assim, a afetividade permeia tanto o querer bem, quanto o compromisso docente.

O que dizem os estudantes:

“Ensina muito bem, com calma e com clareza. É atencioso, dedicado e paciente” (E04).

“Boa didática, explicação clara e direta, oratória ativa, sabe se comunicar com facilidade com os alunos, transmite os conteúdos de maneira simples. Mas o que mais destaca é a nitidez de como gostava de dar aula. Ele sabia o conteúdo. Mas além de saber, ele gostava de ensinar. Um professor que era feliz lecionando” (E14).

“É paciente, atencioso, alegre e sobretudo “linear”. Ele dá autonomia, acompanha a turma, e dedica-se a ajudar a todos com a mesma atenção e disposição, independentemente do estudo do aluno. As aulas teóricas fluem muito bem, ele constantemente questiona o entendimento da turma e volta a explicar se necessário” (E27).

“Flexível, compreende os alunos, ele tem paciência, o método de ensino é favorável aos alunos. Sempre com calma e ajudando os que têm dificuldades. Atividades diferenciadas e com recompensas. Além de ter se tornado um bom amigo para toda a turma” (E48).

“Dedicado ao trabalho, acolhe os alunos, carinhoso e atencioso” (E51).

“Muito acolhedor, pensa sempre no nosso bem-estar, com um jeito de ensinar leve e tranquilo, busca sempre incluir os assuntos no nosso dia a dia. Nos dá oportunidade de opinar tanto sobre os assuntos quanto sobre as aulas em si” (E55).

“Respeitoso, trata todos com igualdade, ele conversa com a gente, se preocupa com as nossas opiniões e com o nosso aprendizado, fazendo a aula se tornar leve e boa de participar” (E62).

“Atencioso, divertido, aulas dinâmicas, sempre aberto para ouvir a opinião dos alunos e pulso firme para manter a ordem da turma” (E75).

“Compreensivo, tem muita paciência com os alunos, se preocupa com a situação dos estudantes e as aulas são bem explicadas” (E83).

Metodologia e Recursos Didáticos Utilizados

Para Freire, a metodologia diz respeito ao cuidado e à qualidade com que professores e alunos se aproximam do objeto estudado. A metodologia auxilia na construção do conhecimento a partir da inquietude, criatividade, investigação e participação ativa do estudante. A pesquisa demonstrou que os estudantes valorizam professores que utilizam metodologias diversificadas, como atividades em grupo, aulas interativas e a relação teoria prática, o que está diretamente relacionado à rigorosidade metódica descrita por Freire.

É importante não confundir rigor metodológico com a abordagem tradicional e rígida da 'educação bancária', que pode limitar e estagnar a aprendizagem. Nesta concepção, o professor deposita seus saberes nos estudantes, que apenas acumulam informações sem um engajamento crítico ou compreensão profunda, dando prioridade a transmissão de conhecimento sem se preocupar com a retenção ou a aplicabilidade prática dos conteúdos.

Os estudantes reconhecem que seus professores não se limitam a ensinar conteúdos, mas também promovem uma aprendizagem crítica, reflexiva e transformadora.

O que dizem os estudantes:

“Atividades para estudar em casa. Passa informações para serem pesquisadas com curiosidade” (E01).

“Usa a metodologia de apresentações e provas em dupla, onde podemos conversar sobre o conteúdo e um ensina ao outro” (E12).

“Sua metodologia pressupunha a participação dos alunos na sala, apartando-se do caráter meramente expositivo. Foram desenvolvidos debates, círculos de expressão, momentos de descontração, apresentação de filmes e outros recursos midiáticos populares e principalmente aplicação prática do conhecimento ministrado em sala de aula à realidade sociocultural dos alunos” (E16).

“Listas de exercícios, slides, questões próprias e quadro. Ele ensina utilizando a teoria expositiva, exercícios de fixação e laboratório” (E25).

“Aulas expositivas que dialogam com os slides para ensinar os conceitos teóricos. Laboratório e simulação para reforçar a teoria e prática” (E27).

“Explica detalhadamente e sem pressa desde várias perspectivas diferentes e não avança até todos os alunos entenderem o tema, emprega numerosos exercícios e utiliza objetos físicos para ajudar a compreender assuntos bastante teóricos” (E37).

“Relaciona o conteúdo da aula com situações do cotidiano. Tem domínio sobre o conteúdo e através de boas discussões, nos faz compreender o assunto” (E63).

“Aulas práticas e um ótimo material didático contendo bons resumos, exemplos, cotidianos e notícias” (E66).

Conhecimentos e Experiências Valorizadas

A escola deve se configurar como um lugar onde a participação dos estudantes é ativa, e, nesse contexto, o papel do professor é essencial para incentivar e valorizar essa participação. Assim, os estudantes foram instigados a fornecer exemplos de quando o professor valorizou os conhecimentos e experiências que trouxeram de fora da escola para o IFSC.

Os estudantes demonstram que o bom professor elogia, incentiva a participação ativa e valoriza suas contribuições. Esses relatos se alinham com a visão de Freire (1996) sobre a importância de incentivar o pensamento crítico e a curiosidade dos estudantes, que visa proporcionar um ambiente onde eles se sintam motivados a compartilhar suas experiências e conhecimentos prévios.

Os estudantes ressaltaram a importância de professores que escutam, incentivam, aceitam e aprendem junto com eles. Essas características demonstram um respeito profundo pelos saberes que os estudantes trazem de fora do ambiente escolar, em consonância com as ideias de Freire, que defende que o professor deve valorizar a cultura e os conhecimentos prévios dos estudantes como socialmente válidos. Assim, podemos entender a importância dessa valorização, como se lê nas falas dos estudantes:

O que dizem os estudantes:

“O professor sempre está disposto a aprender coisas novas, mesmo que esse conhecimento venha de um aluno” (E39).

“O professor demonstra interesse nas habilidades, pensamentos e também nos relatos dos alunos. Então acabamos sentindo muito carinho por ele, assim nos sentindo valorizados” (E42).

“Teve uma vez que falei da minha experiência onde apresentei meu conhecimento de ler um Diagrama Unifilar e mostrar o quadro elétrico. O professor achou interessante e usou como exemplo em sala de aula” (E44).

“Trouxe uma curiosidade sobre um ponto de descarte correto de medicamentos para os moradores do sul da ilha para complementar uma atividade de pesquisa que foi imposta e fui parabenizado pela iniciativa, e após isso houve uma troca de ideias” (E57).

“Quando ele ouviu sobre a minha vida social e me convidou para participar de seu projeto de iniciação científica” (E60).

“Quando estávamos falando da ditadura e holocausto, trouxe o que aprendi em um museu sobre o conteúdo e tivemos uma conversa sobre o assunto. O professor complementou, explicou e trouxe também o que lhe mostrei em fotos e textos que foram apresentados nesse museu” (E82).



Incentivo ao Pensamento Crítico e a Curiosidade

A Pedagogia da Autonomia valoriza o pensamento crítico e a curiosidade. As respostas dos estudantes evidenciam que o bom professor incentiva o pensamento crítico, a curiosidade, o diálogo, a reflexão, a pesquisa e o respeito à autonomia, esses foram os aspectos fundamentais observados. Essa abordagem é essencial para a construção de uma educação que vai além da simples transmissão de conhecimento e proporcione uma formação integral e crítica.

O que dizem os estudantes:

“Trazendo assuntos polêmicos que geram opiniões diferentes e discussões em sala de aula” (E06).

“Ensina os dois “lados da moeda” para que o aluno consiga estruturar seus pensamentos de maneira crítica sobre determinado assunto” (E08).

“O pensamento crítico não pode ser implantado nos moldes da ótica discente e sim incentivando de forma gradual e autônoma nas aulas ministradas. O professor apresentava situações que continham dilemas éticos sobre as quais relatamos nossas soluções depois de aprendermos o conteúdo” (E16).

“Com questionamentos e ensinando a sempre duvidar, buscar fontes diferentes e o mais importante repassando um mindset de crescimento e não julgando as habilidades dos alunos como algo imutável” (E24).

“Ele constantemente enfatiza e encoraja a iniciativa própria e estudos em casa e isso gera independência na minha percepção e gera responsabilidade em decorrência disso. Como já enfatizado ele dá bastante liberdade em sala de aula em tempos de resolução de exercícios e práticas” (E27).

“Muitas vezes o interesse e a curiosidade são gerados a partir de uma pergunta inteligente, uma imagem atrativa, algum vídeo, um instrumento relacionado ao conteúdo” (E42).

“Trazendo informações do cotidiano e relacionando com o conteúdo dado, fazendo os alunos pensarem além da caixa e não apenas no conteúdo em si” (E58).

“Disponibilizando materiais extras e fontes de pesquisa. Assim possibilitando que possamos ir além do conteúdo mostrado em sala” (E75).

“Com perguntas, atividades participativas e de interpretação, assim acabamos montando nosso pensamento/opinião sobre determinado texto e dúvidas sobre partes que não entendemos, instigando nossa curiosidade e vontade de entender e aprender mais” (E82).

Relação entre Liberdade e Autoridade na Sala de Aula

A relação entre liberdade e autoridade na sala de aula foi outro aspecto questionado. Os estudantes percebem como características do bom professor a capacidade de dar espaço para que possam expressar suas opiniões, manter uma relação mútua de respeito e equilibrar a autoridade sem ser autoritário. Freire defende que a educação deve ser um espaço de liberdade com responsabilidade, onde o educador exerce sua autoridade de maneira justa e democrática.

Conforme a fala dos estudantes, pode-se perceber que elas revelam um equilíbrio entre liberdade e autoridade exercido pelo professor. Os estudantes valorizam um ambiente onde a autonomia, o respeito, a competência, o diálogo e a afetividade coexistem.

O que dizem os estudantes:

“Que temos espaço para dialogar sobre qualquer assunto, mas quando a turma passa dos limites consegue dar um basta” (E02).

“A relação de respeito deve ser cativada. O diálogo deve proceder de qualquer autoridade e deve refletir o convívio mantido em vistas à pacificidade” (E16).

“A autoridade é expressa pelo fato do professor ser ele mesmo, ser a autoridade para propor a aula e etc. Mas a liberdade para nos expressarmos no sentido de opinião” E20.

“É uma relação baseada no respeito e há certas linhas que quando cruzadas na aula, sentimos “puxões de orelhas” (E24).

“Ele nos deixa livres para dar opinião, para ir e vir, para conversar, porém sempre há um limite, então nos momentos em que é necessário o silêncio e a atenção dos alunos, ele exerce sua autoridade de maneira respeitosa” (E42).

“Ele trata os alunos de maneira amorosa/simpática, o que nos faz sentir seguros para ter tal liberdade, mas sempre respeitando-o dentro de sala de aula” (E51).

“Acho que a maioria dos alunos do campus tem um grande respeito por ele, então quando ele passa algo na aula todos fazem o que ele tá pedindo sem medo de ser julgado ou criticado” (E64).

“O professor consegue impor respeito sem precisar necessariamente cobrar isso dos alunos. A sua forma amorosa, respeitosa e pacífico dentro de sala é o melhor exemplo de autoridade e educação, tornando um ambiente de respeito mútuo” (E74).

Discussões relacionadas ao preconceito, discriminação e igualdade

Freire defende que a educação é uma forma de transformação da realidade que não é neutra e nem indiferente, mas que tanto pode destruir a ideologia dominante, como mantê-la, e ressalta o quanto um determinado gesto do educador pode repercutir na vida de um estudante e que a reflexão sobre o assunto é necessária, pois, segundo ele, ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, sendo que e a “prática preconceituosa de raça, classe, gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia” (Freire, 1996, p. 39).

Os estudantes mencionaram que o professor valoriza e incentiva os debates e questionamentos sobre preconceito, discriminação e igualdade, isso reflete a importância que Freire (1996) atribui ao diálogo. O processo de debater e questionar permite uma troca de ideias que é essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico.

O que dizem os estudantes:

“Sim, provocando a pensar e refletir ainda mais para que possamos pensar e perceber como é a realidade em que vivemos” (E19).

“Sim, falando o que pode e não pode fazer” (E31).

“Não incentiva as discussões sobre essas questões uma vez que não faz parte do conteúdo da matéria, entretanto entende a importância das mesmas” (E38).

“Sim, trazendo debates e a necessidade de discussão” (E41).

“Não explicitamente, mas fazia questão de sempre incluir todos os alunos, respeitando suas decisões e gostos pessoais” (E43).

“Sim, mostrando que é errado e também trazendo notícias e acontecimentos da vida fora da sala” (E58).

“Sim, normalmente ele traz com a matéria dele, com o conteúdo, mostrando como era em determinada época e hoje em dia e sempre foi aberto com os alunos sobre questões sociais” (E65).

“Sim, explicando como isso não cabe mais em tempos atuais” (E69).

“Sim, incentivando a participação dos alunos nas rodas de conversa e oficinas do campus” (E77).

“A professora é respeitosa a qualquer conceito gerado em sala de aula, respeitando e apoiando causas contra a discriminação e dando apoio caso alguém precise” (E85).

Educação como Ato Ideológico

Questionados sobre se o bom professor deve ajudar os estudantes a questionar a ideologia vigente revelou que a maioria acredita que isso é fundamental para o desenvolvimento do senso crítico. Freire enfatiza que a educação nunca é neutra; ela é um ato político e ideológico que deve promover a reflexão sobre questões sociais e políticas.

Segundo o autor, todo educador deve ter uma reação crítica diante das ideologias e dos discursos, para que não seja ludibriado por eles e dessa forma adquirir qualidades que vão virando sabedorias indispensáveis à sua prática docente.

Nesse sentido, Freire (1996) defende que o professor deve promover a reflexão sem impor suas próprias opiniões, respeitando a autonomia dos estudantes, incluindo a compreensão da ideologia vigente. Sendo importante que os estudantes formem suas próprias opiniões de maneira crítica e autônoma, pois a educação é um meio de promover a conscientização e a transformação social.

O que dizem os estudantes:

“Sim, pois nossa sociedade é movida pela política e afins sociais, ter uma educação ou base nesse sentido nos proporciona isso” (E05).

“Acho que um professor pode dar sua opinião política e ideológica, porém, acredito que não deve tentar influenciar os alunos a segui-las também” (E06).

“Sim, porque a realidade vigente e as contradições que a acompanham devem ser sempre internalizadas no exercício da cátedra, mas devem ser trazidas de forma coletiva e participativa” (E16).

“Sim, acredito que questionamentos sempre reforçam ou acabam mostrando falhas em seus pensamentos. Te leva a um melhor desenvolvimento, fazendo com que o estudante esteja mais aberto a debates” (E18).

“Sim, pois muitas vezes no nosso cotidiano nem sempre debatemos sobre e muitas das vezes é bom debatermos com professores que sabem do que estão falando” (E46).

“Sim, sem as reflexões políticas e sociais entramos na fase adulta sem entender o mundo ao nosso redor” (E69).

“Sim, independente de qual ideologia é questionada, o ato de refletir sobre é o que nos possibilita formar nossa própria opinião. Isso já é de extrema importância principalmente para o âmbito político já que é desta forma que exercemos a cidadania” (E83).

Relacionamento com a Turma

Sobre o respeito como elemento importante na relação entre docentes e discentes, Freire (1996) oferece uma reflexão preciosa: “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (p.90).

Nesse sentido Freire (1996) afirma que um professor amoroso, uma professora amorosa não deixam de ter rigor em sua prática pedagógica, mas o que os diferencia daquele professor rígido e autoritário é o diálogo.

A afirmação de Freire não só apoia a importância do respeito mencionada pelos estudantes como um fator que contribui para uma boa relação no ambiente escolar, mas, também, valida as opiniões dos estudantes, especialmente quando apontam que um bom professor é aquele que sabe ouvir e valoriza as opiniões dos estudantes. Isto é essencial para o sucesso da vida escolar do estudante, pois como o próprio Freire (1981, p. 15) assinalou, “não há educação sem amor”. [...]“Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar”.

O que dizem os estudantes:

“O professor é amigo da turma” (E10).

“Além de boa didática, para mim tem que ser uma boa pessoa, que ajuda e pensa nos alunos e tem que ser uma pessoa legal” (E15).

“Amigável e respeitoso. Nos momentos de descontração, o professor me interrogava acerca das minhas vivências acadêmicas e pessoais, demonstrando interesse nessa conversa” (E16).

“Quase uma figura paterna. Muitos estudantes demonstram grande carinho, inclusive fora da aula” (E18).

“Ótima, todos se dão muito com ele e o elogiam dentro e fora da sala de aula” (E25).

“Ele é um amigo da turma, sendo querido mesmo fora de sala” (E39).

“A relação é boa e próxima, mesmo com o professor não dando mais aulas para a turma, ainda o consideramos como um exemplo na área” (E48).

“É ótima, nunca ouvi algo ruim dele, nem da minha turma ou de outras. Ele é conhecido por ser um bom professor e um bom ser humano” (E65).

“Uma relação tranquila, onde todos têm acesso ao professor, de forma que o professor não é um ditador. Podendo os alunos se expressarem e o professor também e ambos serem ouvidos” (E77).



Influência da Formação Acadêmica

Quando questionados sobre a influência da formação acadêmica na prática docente, os estudantes reconheceram que uma formação robusta é importante, mas não suficiente para definir um bom professor. Na fala deles, a didática, a empatia e a capacidade de se comunicar de forma clara são tão ou mais importantes quanto o nível de formação.

O que dizem os estudantes:

“Não, claro que deve haver conhecimento, mas a parte mais importante é justamente explicar e ser entendido com facilidade” (E02).

“Acredito que não, existem excelentes profissionais sem mestrado e doutorado” (E06).

“Sim, por ter mais “conhecimentos”, mais anos de dedicação” (E08).

“Sim, uma formação robusta implica numa melhor capacidade de articular temas específicos e despertar o interesse no universo acadêmico” (E16).

“Sempre influencia, mas não é sinônimo de uma aula melhor. Muitos estagiários alcançaram resultados muito maiores que professores com doutorado” (E18).

“Sim, pois contribuem com o conhecimento técnico, porém não adianta ter conhecimento e não saber explicá-lo na prática, não ter jeito” (E20).

“A formação acadêmica faz diferença no conhecimento do professor, geralmente quando o professor sobe mais sobre uma área específica, ele se aprofunda mais na matéria, mas isso não é o que define se ele é bom” (E40)

“Sim, porém não se o professor tem mestrado/doutorado e sim se ele tem uma licenciatura. Porque muitos professores com mestrado ou doutorado não sabem passar os conhecimentos assim como um com licenciatura” (E57).

“Sim, pois quanto mais aprendizado e confiança ele tem sobre o assunto, mais fácil ele transmite isso para nós” (E62).

“Não, o que pode influenciar pode ser na parte do conhecimento, mas muito professor que tem doutorado não consegue dar uma aula tão boa como um professor que tenha apenas graduação” (E64).

“Em parte sim, um professor mais aprofundado no conteúdo tem maior bagagem para nos ensinar, porém sua didática não depende cem por cento disso” (E74).

“Sim, mas às vezes até prejudica. O professor esquece que não fizemos doutorado com ele e explica de forma muito complexa” (E80).

“Creio que sim, pois o conhecimento adquirido nessa formação é o que o ajuda a saber compartilhar e ensinar o conteúdo que já sabe e o que não sabe, ele sabe como ir atrás para entender e aprender” (E81).



Contribuições para a Formação dos Estudantes

Os estudantes destacaram que o bom professor contribui para sua formação não apenas acadêmica, mas também humana. Eles mencionaram que essas contribuições vêm por meio de exemplos, motivação, acolhimento, conselhos, e pelo incentivo ao desenvolvimento de uma visão crítica e ampla do mundo.

Essas percepções estão em harmonia com o pensamento freireano de que ‘ensinar exige querer bem aos educandos’, elas abrangem a preocupação do professor com o desenvolvimento dos estudantes, incluindo um olhar atento e humano.

Em ‘Pedagogia da Autonomia’, Freire destaca a discussão entre educação e vida. Para ele, os princípios da educação estão fundamentados nos princípios que devem guiar a vida, “educar para vida”, significa que o ato de educar deve ir além dos muros da escola e abranger todos os aspectos da vida.

O que dizem os estudantes:

“Com conhecimentos e experiências fazem o bom profissional, mas os professores que nos motivam são os mais importantes” (E02).

“Ele abrange situações reais em sala de aula. Ele irá me ajudar a compreender diferente, ter pensamento crítico e desenvolvê-lo. Professores são tão influentes como pais e responsáveis. São pessoas de grande significado para nós” (E14).

“Os ensinamentos que ele passa se tornam costumes que levamos pro resto da vida” (E15).

“Mais do que ensinar o conteúdo, o bom professor ensina a aprender. Isto se carrega durante toda a vida do aluno, auxiliando em diversas situações tanto acadêmica como na vida” (E24).

“Contribui diretamente, sua matéria é muito importante e os conhecimentos transmitidos por ele serão de suma importância no futuro, além de que, como ele leciona bem, sua matéria se manterá em minha memória a longo prazo” (E25).

“Como pessoa, olhar o mundo de outra forma” (E53).

“Nos ensinando a conviver em sociedade e nos preparando para uma vida adulta” (E62).

“Ele ensina a matéria, mas também ensina sobre a vida” (E63).

“Não contribui apenas no âmbito de curso técnico mas na nossa formação como seres humanos, abrindo fronteiras para nosso bom convívio em sociedade e consequentemente facilitando nosso desenvolvimento nas relações profissionais” (E74).

REFLEXÕES FINAIS



Ao trazer esse olhar freiriano para a EPT, este produto educacional teve por objetivo reforçar a ideia de que a educação é um processo de libertação, no qual professores e estudantes, juntos, constroem conhecimentos que têm o poder de transformar a realidade.

Sendo que o uso da pedagogia freireana não apenas amplia o entendimento das práticas docentes na EPT, mas, também, ressalta a importância de uma educação que valoriza a autonomia, o diálogo e a participação ativa no processo de construção do conhecimento.

Essa perspectiva se alinha com a missão da EPT como uma prática verdadeiramente política e emancipatória, que não se contenta em formar trabalhadores para o mercado, mas que se compromete com a formação de sujeitos capazes de questionar, refletir e transformar as estruturas sociais injustas.

Sendo assim, o livro 'Pedagogia da Autonomia' de Paulo Freire se mostra não só relevante, mas essencial para a compreensão do que significa ser um bom professor nos dias de hoje, especialmente dentro do contexto da EPT, que tem por objetivo formar indivíduos críticos, conscientes e capazes de contribuir para a transformação de um mundo melhor.

Ao final destas reflexões sobre os saberes docentes para uma pedagogia da autonomia na EPT, enfatizamos a necessidade de um aprofundamento contínuo na prática educativa.

Nesse sentido, gostaríamos de propor aos professores a leitura integral do livro "Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa" de Paulo Freire.

Este livro é um verdadeiro deleite para educadores, ele oferece uma base sólida e reflexiva para a construção de uma prática pedagógica comprometida com a transformação social e a emancipação dos estudantes. A leitura desse clássico freiriano será uma oportunidade valiosa para o aprofundamento dos conceitos abordados ao longo deste texto de apoio e para a aplicação prática dos princípios discutidos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/seb-1/pdf/leis/resolucoes_cne/rceb006_12.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

CIAVATTA, Maria; RAMOS integrado. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (org). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular. 2012. p. 307-315.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas Pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão (on-line)**, v.52, p. 61-80, 2015.

GUARÁ, Isa Maria Rosa. **É imprescindível educar integralmente**. Cadernos Cenpec, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-24, 2006.

RAMOS, Marise. Ensino Médio integrado: ciência, trabalho e cultura na relação entre educação profissional e educação básica. *In*: MOLL, J. (org). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SOUZA JUNIOR, J. Omnilateralidade & Politecnia. *In*: **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. Escola Politécnica Joaquim Venâncio (EPJV). Rio de Janeiro: EPSJV, 2009.